

Esforço para resgatar ruínas

ANA BEATRIZ MAGNO E
GILBERTO ALVES

DA EQUIPE DO CORREIO

Specialistas na preservação do patrimônio histórico de Brasília e do Brasil ficaram indignados com as imagens da destruição do Catetinho 2 publicadas ontem pelo *Correio Braziliense*.

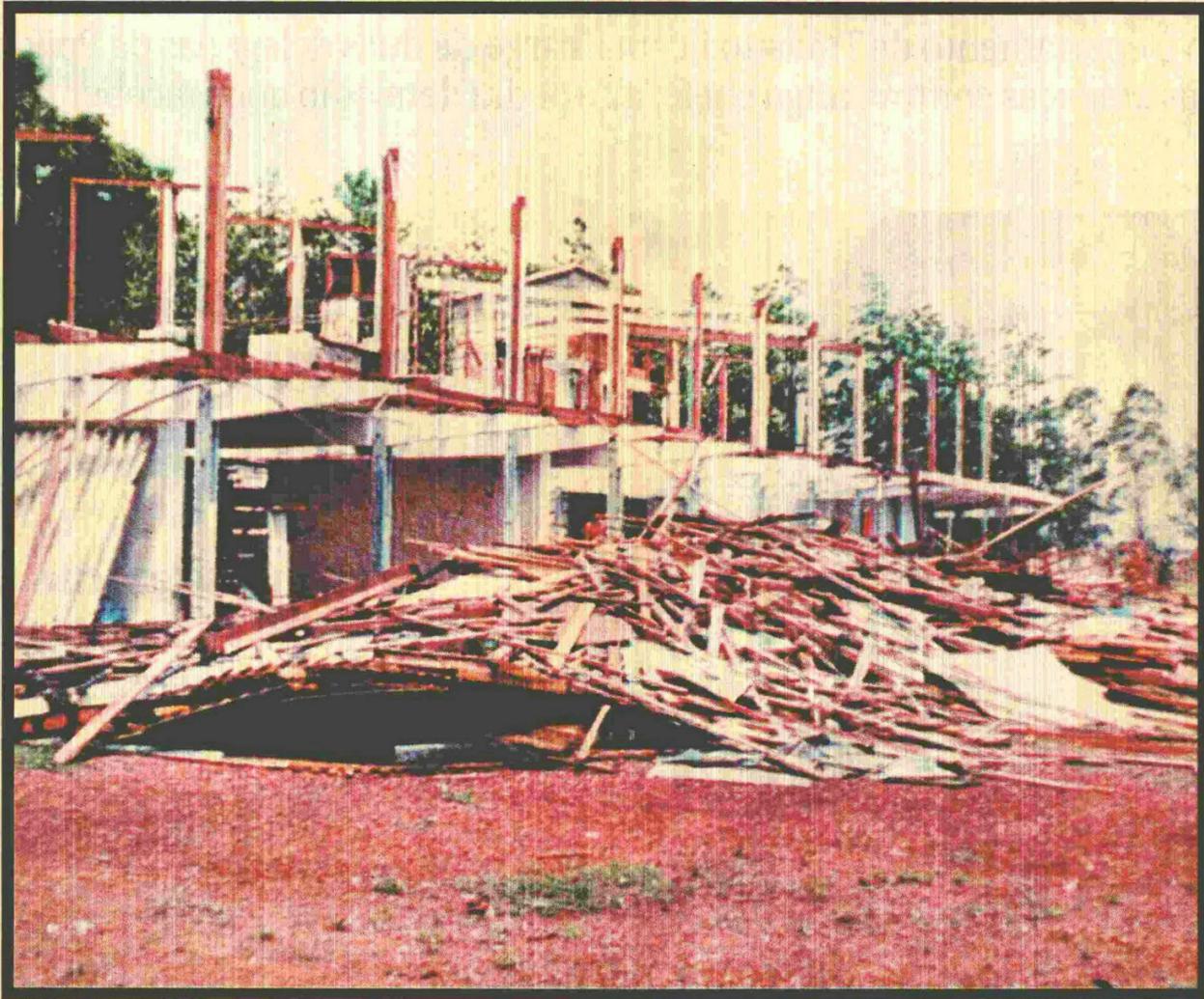
Fotografias inéditas revelaram um mistério de 20 anos, o sumiço da segunda residência oficial de Juscelino Kubitschek. Foi projetada por Oscar Niemeyer e destruída por um desconhecido funcionário do Senado Federal de nome Ítalo de Oliveira. Demoliu em 1986. Os restos do Palácio de Tábuas viraram cocho e galinheiro na casa de Ítalo no Park Way.

"Aquilo é uma vergonha. Um absurdo com a história do país. Me choquei com a fotografia da banheira de Juscelino sendo usada como cocho", reclama Claudio Queiroz, superintendente regional do Instituto do Patrimônio Histórico Nacional, o Iphan. "Temos que fazer um exame de consciência sobre a maneira que tratamos Brasília. Daqui a pouco tudo vira cocho", irrita-se Queiroz.

O superintendente do Iphan lembra que Brasília é muito jovem para testemunhar tanta destruição e recorre a uma frase de Oscar Niemeyer sobre a importância da preservação de tesouros históricos. "No Brasil se destrói, se privatiza tudo, se leva tudo para casa. Imagine se alguém fizesse um estacionamento nos canais de Veneza", ensina o mestre da arquitetura.

Niemeyer emprestou seu talento para desenhar os dois catetinhos de linhas simples e elegantes. O segundo era vizinho do primeiro, porém maior e mais confortável. Foi inaugurado em maio de 1957, mas logo depois da inauguração da cidade, Israel Pinheiro, braço direito de JK, entregou o prédio para o emprei-

Gilberto Alves 7.4.04



A SEGUNDA RESIDÊNCIA OFICIAL DE JK FOI DEMOLIDA PELO FUNCIONÁRIO DO SENADO ÍTALO DE OLIVEIRA: ESCOMBROS USADOS PARA CONSTRUIR SUA PRÓPRIA CASA

teiro Sebastião Camargo.

O empreiteiro desmontou e reergueu num terreno particular no Park Way. Em 1985, vendeu para Ítalo de Oliveira. Um ano depois, Ítalo derrubou a relíquia, usou a madeira para construir sua nova casa e distribuiu os restos para abrigar os animais no quintal. Até hoje tem banheira de porcelana servindo de cocho.

"É um desrespeito. Temos que

resgatar o que ainda existe, restaurar e guardar no museu. Vou me esforçar pessoalmente para isso", promete Marta Poli, diretora do museu do Catetinho 1, o Palácio remanescente até hoje no mesmo endereço, próximo à entrada para o Gaúcho. Ali todos os dias, dezenas de crianças aprendem uma história pela metade. Saem do museu achando que JK viveu ali toda a época da construção.

O Catetinho primeiro ficou pronto em 10 de novembro de 1956. JK vinha pouco a Brasília na época, os canteiros de obras ainda engatinhavam. Em 1957, as visitas aumentaram. Era preciso um palácio melhor, para isso foi construído o Catetinho 2. Ele adorava o lugar com vista para o cerrado e pista de pouso no quintal. "Não me conformo, fiquei impressionado ao ver aquelas imagens da

destruição no jornal."

O deputado distrital Chico Vigilante (PT) estuda a possibilidade de entrar na Justiça contra os herdeiros do empreiteiro morto em 1994 e o funcionário do Senado. "Isso é apropriação e destruição de um patrimônio do país", acusa. "Reflete como o patrimônio público é tratado no Brasil. Aqui a cultura vira curral. Imagine se isso fosse na Itália. Dava cadeia."

“
ISSO É
APROPRIAÇÃO
E DESTRUIÇÃO DE
UMA PATRIMÔNIO
DO PAÍS

Chico Vigilante,
deputado distrital (PT)

TEMOS QUE
RESGATAR O QUE
AINDA EXISTE,
RESTAURAR E
GUARDAR NO
MUSEU. VOU ME
ESFORÇAR
PESSOALMENTE
PARA ISSO

Marta Poli,
diretora do museu do Catetinho 1

ME CHOQUEI COM
A FOTOGRAFIA
DA BANHEIRA
DE JUSCELINO
SENDO USADA
COMO COCHO

Claudio Queiroz,
superintendente regional
Instituto do Iphan

Cartilha vai ensinar regras do tombamento

DA REDAÇÃO

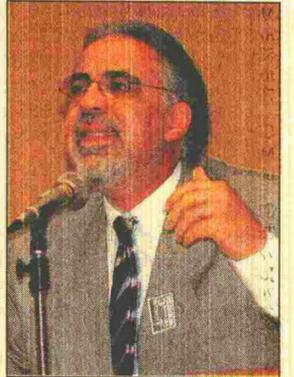
O tombamento de Brasília vai virar tema de cartilha, que ensinará à população o que é certo e o que é errado no tratamento urbanístico e arquitetônico da cidade. Dessa forma, a Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação (Seduh), o Ministério Público e demais instituições interessadas no tombamento pretendem formar agentes de preservação nas escolas e na sociedade.

A decisão foi tomada ontem, durante seminário promovido pela Câmara Legislativa para discutir o assunto. O encontro também contou com a participação do Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB), do Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (Iphan) e do Conselho Regional de Arquitetura e Engenharia (Crea/DF).

De acordo com a deputada Érika Kokay (PT), que organizou o seminário, todos esses organismos devem contribuir com a cartilha. "Queremos alertar a população sobre a importância da preservação, com o incentivo da fiscalização desde a escola."

Para o superintendente da 15ª Regional do Iphan, Cláudio Queiroz, o tombamento não deve ser visto como barreira para o trabalho dos arquitetos e projetistas. "O importante é saber que a cidade tem regras e limites, que devem ser seguidos. Mas isso não impede que os

Gilberto Alves



CLÁUDIO QUEIROZ, DO IPHAN:
LIMITES DEVEM SER RESPEITADOS

empreendimentos sejam modernizados, desde que respeitem o espaço público", disse.

O presidente do IAB-Nacional, Haroldo Villar, também ressaltou a necessidade de conhecimento e cumprimento das regras entre os próprios gestores públicos. "A eficiência também está ligada à ética. É preciso analisar o impacto real durante o planejamento, e não depois que a obra está concluída", comentou.

Ainda não há prazo para que a cartilha comece a ser distribuída. Isso porque o material deverá passar pela aprovação de todos os órgãos e institutos que participaram do seminário. Antes que esse material fique pronto, a Câmara deve produzir uma publicação com os resultados do seminário.